

GARCIA MORENTE

DESCARTES 2

94. A existência de Deus.

Se a filosofia de Descartes não pudesse sair daqui, encaharia naquilo que se chama "solipsismo", ou seja: existo eu e meus pensamentos, e mais nada. Porém eis aqui que Descartes descobre dentre os pensamentos claros e distintos um pensamento, um só, que talvez seja o único que tem em si mesmo a garantia de que o objeto pensado existe fora do pensamento. De modo que há um pensamento que se distingue de todos os demais pensamentos claros e distintos porque contém no próprio pensamento esta garantia de existência do seu objeto. E este pensamento único é o pensamento de Deus, a ideia de Deus. A ideia de Deus é tal que, se a examinamos como tal ideia, encontramos nela, não somente que pensamos num ente (Deus) do qual não sabemos se existe ou não existe, mas que pensamos num ente (Deus) e que este pensamento contém uma porção de caracteres segundo os quais Deus, além de ser objeto do meu pensamento, existe realmente fora de mim. E então desenvolve esses caracteres que a ideia de Deus tem, na forma de três provas, de três demonstrações da existência de Deus.

A primeira demonstração da existência de Deus, consiste em considerar o pensado por nós quando pensamos em Deus; e em examinar a própria ideia de Deus. Examinamos essa ideia e encontramos a ideia de um ser infinito, perfeito, infinitamente bom, onisciente; todo-poderoso. Ora: essa ideia que temos, que pensamos, esse objeto que ainda não sei se existe ou não, mas que está contido dentro do meu pensamento. Como poderíamos nós tê-lo formado? Onde poderíamos nós ter tirado essa ideia? Não de nós mesmos, porque o contido nessa ideia é tão enormemente superior a tudo quanto nós somos, que não é possível que de nós mesmos, de nosso próprio fundo, tenhamos extraído o referido nessa ideia. O mencionado nessa ideia é tão enormemente transcendente, tão por cima das possibilidades de invenção e combinação que possa haver em nosso pensar em geral, que sem dúvida alguma não é possível outra coisa senão que o conteúdo nessa ideia, essa perfeição infinita, essa "infinidade", responda a uma realidade fora dela.

A segunda prova que dá Descartes da existência de Deus é uma aplicação da prova que dá Aristóteles. A que dá Descartes é a seguinte: eu existo; tal é a primeira verdade que descobri ao afastar minha vista dos objetos e concentrá-la sobre os pensamentos. Descobri-me a mim mesmo, como eu pensante. Eu existo, mas eu, que existo, tenho uma existência cujo fundamento não percebo, não vejo. Eu existo com uma existência contingente. Não vale dizer que devo a existência a meus pais; não vale dizer que no passado e no futuro minha existência permanece; porque não há nenhum motivo pelo qual se dê na minha existência a prolongação dela dentro de um momento ou de ter existido um momento antes. Por conseguinte, minha existência é contingente; não é necessária. E se minha existência é contingente, necessita um fundamento. Mesmo que eu vá longe tomar este fundamento, subindo a outro e a outro e a outro, terei que acabar sempre, de longe e de perto, admitindo um ser, uma existência (Deus), que seja o fundamento da minha.

A terceira prova da existência de Deus que dá Descartes é o famoso argumento ontológico. Descartes lhe concede uma importância especial; tanto que lhe consagra quase uma meditação inteira. Expõe-no num capítulo distinto do capítulo em que expôs os dois argumentos anteriores.

O argumento ontológico consiste em assinalar a característica da ideia de Deus como uma ideia singularíssima, única, na qual o pensamento de Deus contém também sua existência. O pensamento desse objeto — Deus — é o pensamento de um objeto em cujas notas características, em cujo objeto pensado está também a existência. Vou formular o argumento ontológico de uma maneira não cartesiana; falsa, por conseguinte, e que não responde ao espírito de Descartes, mas que nos ajudará a entendê-lo. Eu tenho a ideia de um ser perfeito; este ser existe. Demonstração: um ser perfeito tem todas as perfeições; a existência é uma perfeição; logo o ser perfeito tem existência. Descartes não o formula nesta forma silogística, mas nessa outra, ou seja: no pensamento da essência do ser perfeito está contida necessariamente a existência; e está contida a existência como uma das notas que ao mesmo tempo resulta ser nota do conteúdo do pensamento e nota da realidade objetiva do pensamento. Descartes considera a ideia de Deus como a única das ideias que leva em si mesma a marca, a garantia de sua realidade exterior.

95. A realidade recuperada.

Uma vez demonstrada a existência de Deus, já temos duas existências: a minha e a de Deus. Mas tendo a existência de Deus, cai já por sua base o escrúpulo — que ele chama por brincadeira metafísico — do gênio maligno. Já não há possibilidade de supor que um geniosinho todo-poderoso, mas maligno e burlão, se entretenha em enganar-me, pois agora já sei que Deus existe, que é infinitamente perfeito, e, portanto, que não me engana. Permite que me engane, porque tenho ideias confusas e obscuras e se eu não tomo cuidado de manter minha vontade firme para não arriscar-me a afirmar ideias confusas e obscuras, enganar-me-ei. Permite que eu me engane; mas coloca em minha mão, em minha vontade, o enganar-me ou não. Se eu procuro não afirmar senão ideias claras e distintas, poderei saber muito poucas coisas; mas isso não tem importância. A questão não é saber poucas ou muitas coisas, mas saber de verdade; e então, mantendo-me na vontade firme de não afirmar mais do que o claro e distinto, não me enganarei jamais. Que quer dizer isto? Pois que a existência de Deus é uma garantia de que os objetos pensados por ideias claras e distintas são reais, têm realidade. Quer dizer, que o mundo tem realidade.

96. Geometrismo da realidade.

Conseguiu Descartes tirar do eu o mundo. Mas, que mundo! Um mundo que nada se parece ao que chamamos mundo, porque este mundo de ideias claras e distintas, é um mundo que foi elaborado tirando tudo aquilo que nós geralmente chamamos mundo; tirando dele as irregularidades, as cores, as complicações. É um mundo de pontos, de linhas de ângulos, de triângulos, de octaedros, de esferas que estão em movimento. É um mundo de puras realidades geométricas, é l'extension, l'étendue; é a extensão de distâncias. Por isso o sistema de Descartes será montado sobre estas três substâncias: o eu pensante ou pensamento, a extensão e Deus, substância criadora, e as outras duas substâncias criadas. De modo que esse mundo que tirou do eu é o mundo de pura substancialidade geométrica. Mas vamos pouco a pouco.

Esse mundo de uma pura substancialidade geométrica é o mundo da ciência moderna. A ciência moderna parte também desse pensamento cartesiano. Dele parte a físico-matemática. A ideia de Descartes, que consiste em reduzir o confuso e obscuro a claro e distinto, é a ideia que consiste em eliminar do universo a qualidade e não deixar mais do que a quantidade. E essa quantidade, submetida à medida e à lei, tratada matematicamente pelos recursos que primeiro a geometria analítica, logo o cálculo diferencial e integral, e mais tarde, modernamente, o cálculo de vetores e toda a físico-matemática proporcionam, submetida a essas elaborações, produz hoje em dia o mundo científico, que é tão estranho ao mundo de nossa intuição sensível como este que nos

propunha Descartes. Descartes extrai do eu um mundo de pontos e figuras geométricas. Mas consultemos um livro de física contemporânea e veremos que realidades nos apresenta; apresenta-nos uma realidade composta de equações diferenciais, integrais, de prótons, de elétrons, de "quantas" de energia; uma realidade entre a qual e nossa realidade vital sensível e tangível existe um abismo, não menor, antes muito maior ainda que aquele que abriu Descartes entre esses dois mundos. É que, com efeito, o pensamento de Descartes guia, anima, de um lado, todo pensamento científico, e, de outro, todo pensamento filosófico em nossa cultura moderna.

Descartes, com uma coesão sistemática plausível em sumo grau, porém excessiva; com uma consequência que não deixa a menor falha na aplicação dos seus princípios, continua adiante; topa com o problema da vida e o resolve mecanizando a vida. Para Descartes, os animais, os seres vivos, são puros mecanismos e nada mais que mecanismos. Mas então a alma humana, além da vida, que é? Pois o homem é mecanismo em tudo aquilo que não é pensamento puro, como qualquer animal, como qualquer aparelho. Mas tem ademais pensamento. Descartes reduz a pensamento todas as vivências da psicologia. Assim como as ideias podem ser claras ou confusas e tem que se reduzir as confusas às claras, do mesmo modo essas vivências da psicologia que chamamos sentimentos, paixões, emoções, toda a vida sentimental, tudo o que existe em nossa alma que não seja puro pensar é para Descartes também pensar, porém pensar confuso, pensar obscuro. Na sua teoria das paixões propõe Descartes simplesmente ao homem que estude isto que chamamos paixões, isto que chamamos emoções, e verá que se reduzem a ideias confusas e obscuras; e uma vez que haja visto que se reduzem a ideias confusas e obscuras desaparecerá a paixão e poderá o homem viver sem paixões, que estorvam e incomodam a vida.

Referência:

GARCIA MORENTE, Manuel. *Fundamentos de filosofia*. Trad. Guillermo Coroñado. 8ªed. São Paulo: Mestre Jou, 1980